

Todos os direitos reservados à Fino Traço Editora Ltda.

©Carla Jatobá Ferreira

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem a autorização da editora.

As ideias contidas neste livro são de responsabilidade de seus organizadores e autores e não expressam necessariamente a posição da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação | Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F44s

Ferreira, Carla Mercês da Rocha Jatobá

As Sombras das Escalas: um estudo sobre a concepção de anormalidade em Alfred Binet / Carla Mercês da Rocha Jatobá Ferreira. - 1. ed. - Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2016.

168 p.; 23 cm.

ISBN 978-85-8054-302-5

1. Educação de crianças. 2. Psicologia infantil. 3. Psicometria. I. Título.

16-33803

CDD: 150.724

CDU: 159.938.3

13/06/2016 13/06/2016

CONSELHO EDITORIAL COLEÇÃO EDVCERE

Alfredo Macedo Gomes | UFPE

Álvaro Luiz Moreira Hypolito | UFPEL

Dagmar Elizabeth Estermann Meyer | UFRS

Dalila Andrade Oliveira | UFMG

Diana Gonçalves Vidal | USP

Elizeu Clementino de Souza | UNEB

Luiz Fernandes Dourado | UFG

Wivian Weller | UNB

FINO TRAÇO EDITORA LTDA.A

Rua Nepomuceno 150 | Casa 3 | Prado | CEP 30411-156

Belo Horizonte, MG, Brasil | Telefone: (31) 3212-9444

finotracoeditora.com.br

Dedicatória

Aos meus filhos, Luara, Iuri e Pedro.

Ao meu marido, José Artur.

Prefácio

Leandro de Lajonquière*

Assim como o metro, um pouco mais de um século antes, a escala métrica da Inteligência veio à luz em 1905 também em Paris. Era fruto de anos de estreita colaboração entre o advogado convertido em psicólogo experimental após ter abandonado medicina Alfred Binet e o médico alienista Théodore Simon. Entre a invenção da unidade métrica da *res extensa* e esta outra da *res cogitans* a França tinha mudado um bocado, mas sem por isso renunciar a esse sonho bem francês de botar ordem nas coisas. O metro nasce revolucionário, um pouco antes da Primeira Republica. Já a escala métrica da inteligência o faz durante a Terceira, período histórico longo e calmo - se assim pode se dizer - que sucedendo à queda do Segundo Império veio a ser enterrado sob as botas da ocupação nazista. Nesse lapso de tempo republicano, bem antes que o engenhoso Binet tenha acalentado a ideia de medir a inteligência das crianças, Jules Ferry – homem político que como poucos alternou por anos a cadeira de Ministro da Instrução e aquela de Presidente do Conselho - fez botar no papel e no coração da vida cotidiana a obrigatoriedade da instrução pública, laica e gratuita realizando, assim, um século mais tarde, um dos sonhos sonhados quando da queda da Bastille.

* Professor Titular nas Universidades de São Paulo e Paris VIII- Vincennes Saint-Denis. Autor dentre outros de *Figuras do Infantil. A psicanálise na vida cotidiana com as crianças*. Vozes, 2010.

A ideia de se medir a inteligência não veio a Alfred Binet de um dia para outro. Como toda ideia engenhosa precisou não só de alguns anos de gestação, mas fundamentalmente de certa insistência pessoal de seu gestor. Para tanto Binet precisou de se fazer de um precursor no campo da nascente ciência psicológica – Théodule Ribot – bem como de um associado – Théodore Simon – dentre outros tantos aliados na Sorbonne e no ministério da instrução para assim conseguir retirar a idiotia infantil e seu tratamento das mãos de Desirée-Magloire Bourneville herdeiro de uma psiquiatria asilar já secular.

E justamente com o relato dessa saga que Carla Jatobá inicia este livro que o leitor tem em suas mãos. Razão já mais que suficiente para que ele seja lido. Embora tenhamos ouvido falar da primeira escala métrica da inteligência, bem como de seu herdeiro direto o Quociente Intelectual formulado na sequência pelos alemães Willian Stern e Heinz Werner, pouco sabemos da investida tanto epistemológica quanto pessoal que lhe tocou a Binet realizar.

Hoje em dia, no campo da pedagogia brasileira aprendemos a desconfiar das diversas medidas da inteligência. No entanto, isso não significa que conheçamos o jogo de forças que tornou possível a primeira delas. De certa forma, repetimos a ignorância daqueles brasileiros que no período de entre guerras, conforme ficamos sabendo também graças à nossa colega do LEPSI, não mediram esforços para implantar localmente a boa nova gestada em Paris. Dentre eles, coube ao nosso ilustre pedagogo Manuel Lourenço Filho a tarefa de prefaciá-la em 1929 a edição brasileira do livro da dupla francesa.

Talvez seja por isso que Carla Jatobá decide também lembrar-nos de como foi que a vocação de testar a inteligência das crianças instalou-se no Brasil graças à recepção entusiasta da parisiense novidade. Talvez nossa autora pense que não basta hoje com considerar vetusta a escala métrica da inteligência. Talvez seja necessário irmos além com vistas a tentarmos exorcizar desse pedaço de história as forças que animam semelhante voto psicométrico.

A leitura deste livro se nos impõe como uma necessidade salutar. Graças à Carla Jatobá, ficamos sabendo que a ideia de se medir a inteligência deriva de outra não menos pioneira aquela de se retirar as crianças do asilo

de Bicêtre sob os cuidados de Bourneville para instruí-las no interior das fronteiras da assim chamada na França Educação Nacional. De certa forma, Binet endossava a ideia de que para além de qualquer doença toda criança é uma criança e que, portanto, seu lugar é no sistema escolar agora dotado para a ocasião de uma divisão particular paralela à instrução normal - a educação especial. Mas para chegar a tanto lhe era necessário saber o grau de educabilidade da criança, pois não todas poderiam sê-lo em igual medida e da mesma forma. Assim, aos poucos, se lhe foi impondo a Binet tanto a necessidade quanto a possibilidade de se fabricar epistemologicamente uma inteligência a ser medida e, dessa forma, a localização científica nas suas fronteiras da criança débil – o aluno especial para uma educação também não menos especial. No entanto, a escala métrica da inteligência que permitia distinguir o débil, o imbecil e o idiota mostrou ser uma faca de dois gumes, pois tanto retirava crianças do asilo quanto da escola comum para o novo ramo da educação especial.

Um elemento chave nessa empreitada de Binet foi - para além da questão prática de ter conseguido fundar um laboratório de psicologia experimental dentro de uma escola - a existência prévia de um sistema escolar forte ao ponto tal que não deixava dúvidas de que a imensa maioria das crianças era dotada de uma inteligência considerada normal a ser tomada como parâmetro.

Eis aqui precisamente uma questão chave a meu ver. Não há dúvidas de que fazer existir uma inteligência normal e natural graças ao gesto de pretender medi-la constituía uma operação novidosa para a época. Porém ela só foi possível, pois já operava no cotidiano a ideia de uma escola para todos. Desgraçadamente, o voto psicométrico acabou de fato se impondo. Pessoalmente, teria preferido que outra ideia², que também veio ao público nesse mesmo ano de 1905 embora não em Paris, tivesse ganhado um lugar no espírito dos pedagogos. Talvez o leitor já tenha adivinhado. Refiro-me

2. Ela acabou se impondo sobre outra ideia que também veio à luz nesse mesmo ano de 1905, mas longe de Paris, em Viena, aquela que fez de nossa humanidade uma realidade plural. A inteligência de nosso anfitrião, oculta numa escola, embora - é claro - situada em outros tipos de aquela sustentada por Sigmund Freud nesse de dar à luz no mesmo ano de 1905 à sexualidade infantil. No entanto momento de pretender medir a inteligência infantil, a ideia de medir a inteligência infantil mostrou-se muito interessante.

à publicação dos *Três ensaios para uma teoria sexual* e à ideia freudiana da sexualidade infantil. Mas, voltemos ao nosso assunto.

Um século após Binet, a ideia de se medir ou - talvez deva dizer - de se ponderar de alguma ou outra forma a inteligência do escolar acabou se impondo no campo da pedagogia francesa não sem fazer poucos estragos aqui e acolá. No entanto, ela não acabou comprometendo a relativa impermeabilidade da Educação Nacional às modas psicopedagógicas. O funcionamento da escola na França, seja pública ou privada, não é prisioneira - do que comecei a chamar nos anos 90 - a *ilusão psicopedagógica*. Retomando o título deste precioso livro de Carla Jatobá posso dizer que ela não chega a fazer sombra sobre a escola. O que por sinal é motivo de reclamo de não poucos de meus colegas franceses. Eles se queixam de que a *Education Nationale* não se interessa em aplicar à educação nossos avanços científicos!

O sistema escolar francês não é - assim como a vida mesma - um mar de rosas. Nele também se cozinha em banho-maria a injustiça da vida. No entanto, ele continua sendo o que sempre foi um campo de batalha de ideias. As diversas direitas, as não menos diversas esquerdas, os espíritos religiosos de toda estirpe, os laicos inveterados não estão muito dispostos a cederem terreno algum no campo da educação nacional. Foi ilustrativo o fato de a reforma do ensino do Latim no ensino secundário ter motivado vivos debates no Congresso nacional em 2015.

Já no Brasil, assim como quando da recepção entusiasta reservada à primeira medição científica da inteligência há quase um século, as questões que tange à escola são objeto de suposta decisão técnico científica pedagógica quando não meramente objeto de uma decisão comercial, sem citar - é claro - a máfia apartidária das merendas escolares.

Caro leitor, boa leitura!

Paris, inverno de 2016

Introdução

“Como regra, o exame psicológico conclui pela presença de deficiências ou distúrbios mentais nos alunos encaminhados, prática que terá resultados diferentes, de acordo com a classe social a que pertencem: em se tratando de crianças da média e da alta burguesia, os procedimentos diagnósticos levarão a psicoterapias, terapias pedagógicas e orientação de pais que visam a adaptá-las a uma escola que realiza os seus interesses de classe; no caso de crianças das classes subalternas, ela termina com um laudo que, mais cedo ou mais tarde, justificará a sua exclusão da escola. Nesse caso, a desigualdade e a exclusão são justificadas cientificamente (ou seja, com pretensa isenção e objetividade) através de explicações que ignoram a sua dimensão política e se esgotam no plano das diferenças individuais de capacidade”.

Maria Helena Patto
(*Mutações do cativo*)

Quase duas décadas de trabalhos com a infância, em pré-escolas privadas e públicas, e também em centros públicos de reabilitação infantil, têm nos suscitado indagações relativas à presença de crianças atingidas por dificuldades diversas nas instituições escolares.

A *Declaração de Salamanca*¹ é uma referência primordial para os profissionais envolvidos com a questão da educação especial nos últimos oito anos. O documento apregoa, em sua essência, a necessidade de modernizações nas

1. Documento resultante da Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade. A Conferência ocorreu na cidade de Salamanca, na Espanha, de 7 a 10 de junho de 1994, e reuniu mais de 300 participantes, com representações de 92 governos e 25 organizações internacionais. Para maiores informações, consultar: *Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação. Necessidades educativas especiais. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Ministério da Educação e Ciência de Espanha, 1994.*